



**Teleconferência de Resultado – 2T16**  
**12 de agosto de 2016**

**OPERADORA** – Bom dia a todos. Obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 2T16. Conosco hoje estão os senhores José Maurício Pereira Coelho, vice-presidente de Gestão Financeira e Relações com Investidores, e Bernardo Rothe, gerente geral de Relações com Investidores do Banco do Brasil.

Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a conferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções serão fornecidas.

Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando \*0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet, via webcast, podendo ser acessado no endereço [www.bb.com.br/ri](http://www.bb.com.br/ri), onde se encontra disponível a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores. Lembramos que os participantes poderão fazer perguntas para os executivos do Banco do Brasil, que serão respondidas na sessão de Perguntas e Respostas ou por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação. Gostaria, agora, de passar a palavra



ao Sr. Bernardo Rothe, Gerente Geral de RI, que iniciará a apresentação. Por favor, Sr. Bernardo, queira prosseguir.

**BERNARDO ROTHE** – Bom dia à todos obrigado por participarem da teleconferência de resultados do Banco do Brasil do 2T2016.

Eu gostaria de começar no slide 3 onde trazemos destaques deste trimestre. O resultado antes de provisões e impostos teve um crescimento de 14,9% na comparação com o 2T2015. A margem financeira bruta incremento de 17,5% na mesma base de comparação. A receita de tarifas teve uma evolução de 12,8%, despesas administrativas continuam sob controle, com crescimento de apenas 2,7%. O índice de eficiência, como resultado, teve uma melhoria, caindo de 39,7%.

No slide 4, nós trazemos a formação do lucro líquido do semestre na comparação e vindo desde o 1S do ano passado. Então, o impacto da margem financeira bruta foi de R\$ 3,890 bilhões, a PCLD normal, orgânica foi de R\$ 3.564 bilhões, renda de tarifas foi positiva em R\$ 824,0, despesas administrativas tiveram impacto negativo em R\$ 402,0. Outros componentes e impostos impacto negativo de R\$ 2,358 milhões, atingindo lucro ajustado antes de agravamento específico de R\$ 4,855 bilhões, com retorno sobre o patrimônio líquido de 10,5%. Os casos específicos de agravamento que tivemos nesse semestre livre de impostos tiveram impacto de R\$ 1,768 bilhão o que nos dá um líquido ajustado, o lucro líquido ajustado, de R\$ 3,087 bilhões, retorno sobre PL de 6,6%. Ítens extraordinários, R\$ 1,758 bilhão. No final, um lucro contábil de R\$ 4,824 bilhões, ou 10,4%. Na parte de baixo desse slide nós trazemos alguns outros indicadores de rentabilidade para poder melhor comparar com os cálculos que os analistas fazem no mercado. Então, o contábil no trimestre fica em 12,3%, o RSPL ajustado, que é na forma como o Banco do Brasil calcula de 7,7%; o RSPL ajustado de mercado, que é calculado de forma diferente por vários analistas fica em 9,2%, isso em



geral é mais comparável com que os analistas fazem nas previsões de resultado deles; e o RSPL acionista a gente considera os efeitos de DHCD que é considerado capital principal, tanto no lucro líquido quanto no PL para dar um indicador de quanto que é o resultado que é do acionista relacionado à ação do Banco do Brasil. Esse ROI ajustado fica em 10,2%.

No slide 5, nós trazemos o resultado estrutural e seu comportamento na comparação com os semestres anteriores. Na variação trimestral tivemos um crescimento de 14,9%, para R\$ 10,7 bilhões, 3,9% na comparação com o trimestre anterior. No acumulado 12 meses fechado no 2T2016 contra 2T2015 esse crescimento seria de 13,5% atingindo R\$ 41,7 bilhões.

No slide 6, alguns indicadores de mercado com lucro por ação de R\$ 0,88 e R\$ 0,63 no lucro ajustado por ação. Dividend yield atingiu 7,62% ao final do 2T, preço/lucro R\$ 4,60 ao final do 1S e preço/valor patrimonial em R\$ 0,57 também ao final de junho de 2016.

No slide 7, nós temos as captações comerciais do Banco do Brasil, que atingiram R\$ 624,7 bilhões. Destaque para a poupança, que teve um crescimento nominal de 0,7% sobre junho de 2015 e para a LCA e LCI um crescimento de 1,7% sobre junho de 2015. O custo de captação do Banco se manteve estável em 74,7% da SELIC. E a carteira de crédito líquido ajustado sobre captações comerciais também ficou estável em 91,3%.

No slide 8, nós trazemos as outras fontes de captação que é feito via as nossas subsidiárias. No lado esquerdo, nós temos a BBDTVM com R\$ 668,0 bilhões de recursos administrados, 22,0% de participação de mercado e continuando na sua liderança. Do lado direito nós temos a BrasilPrev que é líder em captações líquidas com 59,1%, R\$ 9,5 bilhões no 2T deste ano.

No slide 9, temos a carteira de crédito ampliada do Banco do Brasil. Nós fechamos o trimestre com R\$ 751,0 bilhões na carteira de crédito ampliada,



um decréscimo de 1,2 em 12 meses. O destaque na nossa carteira é o crescimento do agronegócio, de 9,6% e da carteira PF de 6,3%. As duas carteiras hoje já correspondem a quase 50,0% do nosso portfólio que há 12 meses atrás esse índice era de 45,0%.

No slide 10 temos detalhes sobre a carteira de PF, nas linhas que consideramos de menor risco. Começando pelo crédito imobiliário, que teve um crescimento de 17,1% em 12 meses, sendo que a carteira PF teve um crescimento de 20,9% e a carteira PJ de 5,7%. O índice de inadimplência dessa carteira continua baixo em 1,29%. À direita nós temos o consignado, que tem uma participação de mercado de 22,6%, continuamos liderando esse segmento. A carteira teve um crescimento de 13,1% atingindo R\$ 63,0 bilhões ao final de junho/16. O índice de inadimplência continua estável em 1,25. CDC salário, na parte de baixo à esquerda, tivemos um crescimento de 9,0% atingindo R\$ 20,0 bilhões ao final de 2016. E a inadimplência está em 2,52%. E por fim a carteira veículos continua caindo, com decréscimo de 12,0%, atingindo R\$ 21,5 bilhões no final do trimestre. E a inadimplência está estável em 0,95.

A carteira de pessoa jurídica ampliada está no slide 11, teve um decréscimo de -5,4% para R\$ 327,0 bilhões ao final do trimestre, impactado principalmente pelo decréscimo na carteira de MPE que caiu 13,7% sobre 2015, atingindo volume de R\$ 81,2 bilhões. Os demais componentes da carteira também tiveram decréscimo mas num percentual menor que foi de 2,4%. Aqui também temos o impacto do câmbio que faz parte de algumas linhas do nosso portfólio, que são denominadas em outras moedas.

Indo para o slide 12 nós temos a carteira do agronegócio. Começando do lado esquerdo o crescimento de 9,6 para R\$ 184,0 bilhões, sendo que por personalidade jurídica a PJ ficou em 11,8% e a PF em 8,7%. O uso de mitigadores está em 64,9% da carteira de custeio agrícola, continua bastante



expressiva. Temos uma participação de mercado de 62,0% continuamos líderes do mercado. E o Plano Safra 15-16 teve um total desembolsado de R\$ 82,4 bilhões, 12,0% maior do que o total desembolsado na safra anterior.

No slide 13, nós trouxemos aqui uma nova informação, até por conta da publicação da resolução BACEN 4512 que fala sobre provisões sobre a carteira de garantias. Como vocês podem notar, sempre tivemos provisões para nossa carteira de garantias, o total do saldo hoje, ao final do trimestre, foi R\$ 19,0 bilhões, com uma provisão de R\$ 430,0 milhões, 2,2% do total da carteira.

No slide 14, começamos a falar sobre a inadimplência da carteira. Esse trimestre nós tivemos impacto de um caso específico vinculado a óleo e gás que diferente dos outros players do mercado nós consideramos vencido desde o início do vencimento original da transação. Com isso a nossa carteira foi para 3,27 de inadimplência, mas tirando esse caso específico, até para poder comparar com o resto do mercado, essa inadimplência seria de 2,85%. Na inadimplência 90 dias, com a quebra por produto, nós temos aqui o agronegócio recuando a inadimplência no trimestre para 0,95, voltando para baixo de 1,0%. A carteira PF com estabilidade com 2,40 e na carteira PJ um aumento para 4,82. Aqui nós fizemos também um exercício para considerar o que seria essa inadimplência descontando o efeito da queda da [12:31] que seria de 4,62 se tivéssemos mantido o saldo da carteira em junho/16 igual ao de março/16.

No slide 15, trazemos aqui o saldo de provisões das coberturas. Começando por cima, as provisões atingiram quase R\$ 37,0 bilhões ao final de junho/16. Temos um índice de cobertura de 109,0% para inadimplência acima de 15 dias. Uma cobertura de 163,87 para toda inadimplência acima de 90 dias. Aqui também vale fazer o ajuste desse caso específico para efeitos de comparação, já que fomos os únicos que consideramos esse caso específico



vencido há mais de 90 dias. Então, sem esse efeito, a cobertura de 90 dias seria de 187,71 e a cobertura para mais de 15 dias ficaria em 119,0%. Convém destacar também que esse caso específico até o final do ano deve ser jogado para perda e já está 100,0% provisionado. As despesas de provisão por segmento, como pode ser notado, estão concentrados no segmento de PJ.

No slide 16, temos a evolução das despesas de provisão por trimestre e destacamos aqui qual é o impacto de algumas provisões feitas sobre esse caso específico e alguns outros agravamentos especiais que nós fizemos no 2T desse ano. Se olharmos só o que seria a provisão orgânica do nosso portfólio nesse trimestre, esses números seria de R\$ 6,9 bilhões, já mostrando um comportamento menor do que foi em dezembro de 2015. O risco médio nosso chega a 5,36, mas aqui também fizemos o exercício desconsiderando esse caso específico para mostrar qual seria esse risco médio do Banco até para poder comparar melhor com o sistema financeiro nacional já que esse caso específico está registrado na carteira externa

No slide 17 e 18 nós fazemos vários exercícios com o índice de formação da inadimplência. Começando em cima esse índice, excluindo o caso específico, para efeito de comparação com o resto do mercado. O nosso índice seria de 0,98 em junho/16, já mostrando um comportamento melhor do que em março/16. A cobertura de provisão sobre a formação da inadimplência seria de 120,55%. Embaixo, a gente já traz esses mesmos números sem desconsiderar o caso específico. Nesse caso, a gente teria o índice de 1,39.

No slide 18, nós trazemos para dentro da formação da inadimplência a parte da carteira renegociada que foi feita com dívidas vencidas há mais de 90 dias. Podemos notar que neste caso o índice seria de 1,19, estável em relação a março/2016. E a cobertura da nova inadimplência seria de quase 100,0%.





No slide 19, trazemos informações sobre a carteira renegociada de créditos em atraso. Então, no período, tivemos a contratação de R\$ 5,0 bilhões, um recebimento de juros e principal, líquido de juros capitalizados de quase R\$ 1,0 bilhão, esse recebimento é feito em cash, a inadimplência 90 dias atingiu 22,0%, o índice de cobertura ficou em 183,8% e a participação dessa carteira renegociada sobre o nosso portfólio de crédito é de 3,6% ainda inferior aos nossos pares. E o índice de formação de inadimplência da carteira renegociada ficou em 10,68.

No slide 20, já falamos sobre a margem financeira do BB, que teve uma performance bastante boa na comparação com o 2T2015, com crescimento de 17,5%, atingindo R\$ 14,6 bilhões. Na comparação semestral esse crescimento seria de 15,6% atingindo R\$ 28,9 bilhões. O spread global aumentou para 4,9%, o spread por segmento, destacando PF, com crescimento de 50 bps para 16,3%. O spread geral da carteira de operações de crédito ficou em 7,7, PJ ficou estável em 5,9 e agronegócio aumentou para 4,9%.

No slide 21, nós temos renda de tarifas, com a performance sobre o 2T2015 de 12,8%, a variação sobre o 1T2016 foi de 9,1% e na visão semestral esse crescimento seria de 7,6%. Os destaques de conta corrente um crescimento de 24,0% no semestre e administração de fundos com 11,0% de crescimento no semestre.

No slide 22, trazemos algumas informações sobre a BB Seguridade. O lucro ajustado superou R\$ 1,0 bilhão, com crescimento de 9,3% sobre o 2T2015. Continuamos líderes em diversos segmentos, com destaque para previdência aberta e seguro rural e seguros de pessoas.

No slide 23, nos canais de atendimento do Banco do Brasil nós temos mais de 64,0 milhões de clientes que contam com 66,0 mil pontos de atendimento presentes em 99,8% dos municípios brasileiros. O grande destaque



gostaríamos de dar é que nosso aplicativo é o quinto mais presente nos celulares dos brasileiros. É uma performance bastante boa dado que estamos atrás apenas de grandes apps de utilização no mundo inteiro como o WhatsApp, Facebook, Google e Instagram. Nosso negócio segmentação Estilo Digital e Exclusivo continuam crescendo, o Estilo Digital já tem 552 mil clientes com 143 agências digitais implementadas e pensando chegar a 240 agências até o final deste ano atendendo mais de 1,3 milhão de clientes. O Exclusivo já tem 52 mil clientes, é uma iniciativa mais recente com 6 escritórios exclusivos, 32 escritórios até o final de 2016 para atender 650 mil clientes. O atendimento automatizado por transações tem uma concentração grande no que é feito automaticamente com destaque para o mobile, que já representa 36,8% de todas as transações, um crescimento de 51,1% sobre o 2T2015, atingindo 2,5 bilhões de transações.

No slide 24, despesas administrativas e eficiência, nós temos aqui um comportamento bastante estável das outras despesas administrativas, um pequeno crescimento em despesa de pessoal em relação ao trimestre anterior e o índice de eficiência continua se reduzindo e alcançou 39,7% no trimestre. Na visão trimestral, esse índice seria de 39,1%.

No slide 25, nós temos o índice de Basileia do Banco do Brasil que atingiu ao final desse trimestre 16,45, continua subindo. E o índice de capital principal e também nos últimos quatro trimestres vem mantendo um crescimento e chegou a 8,42.

No slide 26 vemos a aplicação integral das regras de Basileia III sobre o índice de Basileia, que sai de 16,45 para 15,42 e após o consumo de crédito tributário chegariam a 16,59. Da mesma forma, capital nível I sairia de 11,34 para 11,42.

Por fim, no slide 27, nós trazemos o guidance e a nossa performance ao final do último semestre. Começando sobre o retorno sobre o PL ajustado, esse





indicador de 6,6% abaixo do nosso guidance de 9-12,0%, mas o nosso entendimento é que ainda migraremos para dentro do guidance ao longo do ano. Margem financeira bruta atingiu 15,6% acima do guidance. Nosso entendimento hoje que 11,0% é o piso de um guidance. Por conta disso resolvemos alterar esse guidance para 11-15,0%. Não atingimos a carteira de crédito ampliada, com 1,2% de crescimento no semestre, principalmente por conta da performance na carteira de PJ. E teve um decréscimo de 5,4% no semestre contra um guidance de 1-4,0%. Dada essa performance e a expectativa em termos de demanda e comportamento da taxa de câmbio, o BB decidiu alterar o guidance para -10 a -6,0%. E o impacto dessa alteração no guidance PJ nos levou também a alterar o guidance para a carteira de crédito ampliada para -2-1,0%. Demais guidances foram mantidos e a performance, como vocês podem notar, foi de 6,3% para crescimento da carteira PF, 9,6% para o agronegócio, um pouco acima do guidance da expectativa que a gente migra para dentro do guidance. Terceiro, 4,3% dentro do guidance e acreditamos que esse guidance corresponde às nossas expectativas para despesas de provisão ao longo do ano, não sendo necessário nenhum ajuste apesar do volume alto de provisões feitas no trimestre. Rendas de tarifas já entrou dentro do guidance e a nossa expectativa é que o guidance está adequado. Despesas administrativas veio abaixo do guidance com 2,6% e nossa perspectiva é que esse desempenho migre para dentro do guidance à medida que o ano, chegamos até o final do ano.

Com isso encerramos a nossa apresentação e podemos e iniciar as perguntas e respostas. Muito obrigado.

**OPERADORA** – Senhoras e senhores iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta por favor digitem \*1.



**OPERADORA** – Nossa primeira pergunta vem do Sr. Eduardo Rossman, do BTG Pactual.

**ROSSMAN** – Bom dia pessoal, tenho duas perguntas. A primeira é sobre provisões. Eu queria saber se está para firmar aí com conforto que o pico de provisão ficou para trás. Ou seja, mesmo que a inadimplência ainda esteja subindo e ela deve subir mais um pouco nos próximos trimestres, se dá para dizer aí que as provisões já atingiram o pico, principalmente por conta do setor corporativo. A gente viu no 1S do ano um impacto bem grande do cliente de segmento óleo e gás, acho que nesse 2T também teve o impacto de uma empresa de telecom, então, enfim, eu queria que vocês falassem um pouco para a gente se vocês estão confortáveis de que as coisas melhorem em termos de provisão. E a segunda é sobre algumas declarações do presidente Tafaelli. A gente tem visto ele falar bastante com a mídia e falando que o Banco espera rentabilidade para se aproximar de seus principais pares privados. Numa entrevista, alguns meses atrás, ele até mencionou que esperava atingir o ROI próximo do Bradesco em 2018. E algumas notícias que saíram mais recentemente ele falando que continua esperando melhorar a rentabilidade mas vai ser um processo mais gradual. Enfim, eu queria saber se vocês tem alguma opinião sobre isso, como é que estão fazendo, se dá para imaginar uma recuperação de retorno sobre o patrimônio já no ano que vem. Obrigado.

**BERNARDO ROTHE** – Obrigado, Rossman, pela pergunta. Eu vou começar respondendo a pergunta 1 e depois eu vou passar a segunda para o José Maurício responder. Sobre as provisões, realmente nós atingimos o pico esse semestre, o 1T com certeza foi o pico e o 2T já veio um pouco abaixo. A nossa expectativa até para poder atingir o guidance, estar dentro do que a gente está divulgando como guidance e o 2S virá num nível bastante abaixo do 1S. Com certeza é isso que a gente espera. Até a gente usou aquele slide do fluxo de provisões, onde destacamos alguns riscos que a gente,



agravamento de risco que a gente fez no 2T para mostrar o que é o comportamento da provisão no fluxo da carteira normal. Então, isso já mostra que o 2T, tirando esses agravamentos específicos já teria vindo abaixo até do 4T. Destacando também que dentro desses 6,9 a gente considera as recuperações judiciais acontecido no 2T, ou seja, sem essas recuperações judiciais teria vindo ainda bastante abaixo do que aconteceu no 4T. Então, as indicações no pico já aconteceu e o comportamento das provisões nos próximos trimestres serão melhores do que num fluxo menor do que o que a gente viu no início do ano. Agora passando para o José Maurício, ele vai responder a outra pergunta.

**JOSÉ MAURÍCIO** – Bom dia, Eduardo. Com relação à declaração do presidente, na entrevista de ontem, ele não fixou um prazo. O que ele disse é que a gente já iniciou essa trajetória, eu acho que a gente tem tentado colocar na comunicação com vocês o resultado estrutural que a gente acha que ele mostra melhor, facilita um pouco a discussão da nossa recuperação de resultado. A gente tem avançado muito bem nas principais linhas que compõem o resultado, margem financeira bruta, despesas administrativas, tarifas, e nas provisões é que a gente tem tido um volume alto. Se a gente desconsiderasse por um momento, num exercício, essa questão das provisões, a gente fez um exercício aqui retroagindo, se pegar esse nível de provisão que eu tinha num mercado um pouco mais ajustado do que hoje, ali para 2014, se eu pegasse o trimestre por exemplo, eu já estaria com o ROI superior a 15. Então quando a gente fala que vai diminuir essa distância para os privados e alcançar, que foi isso o que o presidente falou, ele não se comprometeu com prazo mas a trajetória é essa, o que a gente pode esperar é um segundo semestre já com retorno sobre o PL melhor do que o primeiro, um 2017 com retorno sobre o PL bem melhor do que 2016, e assim sucessivamente. Essa trajetória já está mas ele não se comprometeu com



prazo específico não. Mas a gente está bem confiante nessa retomada da nossa recuperação de ROI.

**ROSSMAN** – Tá bom, perfeito. Obrigado.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Tiago Batista, do Itaú.

**BATISTA** – Bom dia a todos. A minha primeira pergunta é sobre o impacto da SELIC na margem de vocês. A gente viu que a margem está tendo um desempenho bem forte no último semestre, na verdade, vocês revisaram o guidance pra cima, dá para imaginar que a SELIC, pelo menos nosso cenário básico aqui é a queda da SELIC no ano que vem. Qual é o impacto que vocês vêem dessa possível queda da SELIC na margem de vocês? Deve ser positivo, não deve? Olhando de fora imagino que o duration dos ativos de vocês é maior que no passivo, então poderia ter um impacto positivo no curto prazo. Mas eu queria ouvir de vocês esse impacto da SELIC na margem. E a segunda pergunta é sobre a renegociação de crédito. A gente viu nesse tri o aumento da parte material no nível de administração, e vocês poderiam falar um pouquinho dessas carteiras que impactaram a reneg de vocês? E também olhando na linha de outras despesas, a gente viu que aumentou um pouco o desconto que vocês dão em renegociação. Então, eu queria entender um pouquinho desse processo de renegociação.

**BERNARDO ROTHE** – Ok, Tiago, obrigado pela pergunta. Bom dia. Bem, começando com o impacto da SELIC. Olhando o portfólio do Banco do Brasil a gente é, sem considerar derivativos e posições de hedge, a gente é asset long. Então, só olhando nessa perspectiva, um impacto de uma redução da SELIC seria positivo. Mas como o Banco se protege e tem um nível de exposição a risco de caixa bastante baixo, então as posições estruturais e o hedge que a gente faz reduzem o impacto negativo e também reduz os impactos positivos. Claramente existem diferenças temporais nas posições de hedge contra posição dos ativos, então no curto prazo a redução de SELIC é



positiva mas no médio prazo para o longo prazo ela é neutra. O que pode impactar eventualmente as nossas margens no futuro é uma maior competição no mercado com redução do spread. Isso não deve acontecer no curto prazo, eu não posso te dar indicação nenhuma de guidance para 2017, a gente não tem isso para te passar mas a gente vê a SELIC novamente como um impacto positivo no curto prazo mas é neutro no médio para longo prazo. Sobre a renegociação de crédito, a gente renegocia porque é a forma correta de se tratar, é uma parte integrante da recuperação de crédito. Então a gente tem renegociado principalmente são dívidas no segmento de MPE, isso já dá quase 65,0% do que a gente faz. Tem mais uns 10,0% aí que corresponde a médias empresas. O resto fica em PF e alguma coisa de agronegócio também. É importante destacar que o que a gente tem feito tem se traduzido num nível que cresce mais rápido de recebimentos. A gente tem uma tabela no MD&A aqui também na teleconferência, a gente mostra o recebimento de principal e juros que aconteceu no período. Esse número foi R\$ 979,0 milhões, quase R\$ 1,0 bilhão. É um número expressivo, bastante expressivo eu diria, que tem crescido como percentual da carteira no trimestre anterior de forma bastante interessante. Só para te dar alguns números, R\$ 1,0 bilhão, esse quase R\$ 1,0 bilhão representa 4,4 do saldo da carteira do trimestre anterior. No 2T2015 essa relação foi de 3,9%. E no 2T2014 essa relação foi 3,0%, então, na realidade, a gente está renegociando mais mas a gente também está recebendo mais em relação ao que está na carteira. A inadimplência da carteira cresceu mas quando estava baixo já avisava a todos que a tendência era a inadimplência voltar para perto dos níveis históricos que fica entre 18,0-20,0%, hoje está em 22 e a tendência dela agora novamente, como era subir, agora a tendência é ela voltar agora para 18,0-20,0%. Então, a nossa renegociação é feita para viabilizar primeiro a sobrevivência de um cliente que tem condições de sobreviver, porque se não tiver condições a gente não renegocia e, segundo, a recuperação de crédito do Banco. E é isso que a gente tem feito. Eu só estou te dando um indicador de que a gente tem



recebido mais em cima do saldo da carteira. O volume de recebimentos tem vindo maior do que no passado. O crescimento do volume de recebimento é maior do que o crescimento percentual das contratações. Então, essa carteira tem sido renegociada com qualidade. Nesse trimestre também a gente colocou a quebra da carteira por nível de risco para vocês verem a migração também entre os níveis de risco comparado com o ano anterior. Para comprovar o que eu já vinha dizendo que a gente está fazendo renegociações mais pró-ativas que trazem qualidade para a carteira renegociável e essa qualidade vai continuar refletindo no futuro inclusive com mais recebimentos de principal e juros em relação à carteira como um todo, OK? É isso, pode continuar.

**BATISTA** – Não, perfeito. Obrigado pelas respostas.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Francisco Kops, do Banco Safra.

**KOPS** – Bom dia a todos, Bernardo e José Maurício, parabéns pelas informações em renegociações, acho que é bem completo. Duas perguntas do meu lado. A primeira, só entender um pouquinho a letra C de vocês, que aumentou muito nesse trimestre, aumentou em mais de 50,0%. Eu queria só entender um pouco o racional desse aumento, se isso é muito mais conservadorismo ou realmente está havendo uma deterioração na carteira de vocês, foi colocado na C, e a minha segunda pergunta é sobre despesas. O Banco está fazendo um bom trabalho de controle de despesas, até está indo bem melhor do que o guidance até agora, e mesmo assim vocês mantiveram. Vocês estão fazendo aí 2,6% de crescimento em despesas esse ano e o guidance vai de 5,0-8,0. Eu só queria entender mantendo o guidance por que vocês esperam que as despesas vão acelerar tanto assim no 2S? É um dissídio mais forte? Eu só queria entender um pouquinho qual é o racional de vocês para despesas no 2S. Obrigado.





**BERNARDO ROTHE** - Obrigado, Kops, pela pergunta. O momento está relacionado ao agravamento de risco que a gente tem feito na carteira como um todo. Tem obviamente impacto de grandes riscos aqui, não dá pra falar em antecipação ou uma tendência, é simplesmente um reflexo do que a gente espera que deve acontecer com os balanços das empresas à medida que o ano está andando a gente não vai aguardar chegar ao balanço pra agravar o risco. Então, agravando o risco nesse momento não foi aumento, o aumento foi em C, D e E. Foi maior no C mas a gente fez também pra D e E. Faz parte desses aumentos aí está incluído naquele número que eu falei de R\$ 1,4 bi por exemplo. No R\$ 1,4 bi também tem um aumento para risco H. Então, tem assim resolveu agravar riscos antes mesmo de publicação de um balanço que suportasse esse agravamento. Pra frente, de novo, a gente vê o comportamento da carteira refletindo no guidance que a gente tem pra PCLD, ou seja, uma melhoria no fluxo de provisões mais pra frente, ou seja, isso envolve também um fluxo de agravamentos menor do que a gente teve no 1S. Com relação às despesas, a gente vê essa despesa caminhando pro guidance no 2S. Até porque tem um efeito comparação positivo e a gente comparou o 1S desse ano com o 1S do ano passado onde existia um número maior de empregados no ano passado, em que o impacto do programa de aposentadoria incentivada foi só no 2S do ano passado. Então, tem uma diferença de números de funcionários, mesmo a pequena reposição que a gente fez em relação aos que se desligaram, entraram em níveis de salários iniciais, ou seja, são níveis de custo menores. Então, quando você começar a comparar com o 2S do ano passado, a base de comparação vai ficar um pouco diferente. De qualquer forma, a gente vê o crescimento de outras despesas administrativas bem contidas, continuando nesse processo a gente continua com trabalho intenso de melhoria de eficiência dentro do Banco e a gente vai continuar capturando essa melhoria de eficiência indo pra frente que afeta também outras despesas administrativas que o Banco tem. Despesa de pessoal tem, obviamente, a gente tem dissídio agora em setembro, a gente



tem as nossas projeções de quanto que pode ser esse aumento. Isso também impacta despesa de pessoal, é algo que está mais no controle da Febraban do que qualquer entidade individual, que a negociação é feita de forma coletiva. Então existe também esse impacto de renegociação salarial a partir de setembro então isso já está previsto no nosso guidance também. Por conta disso, a gente entende que ele deve migrar para dentro do guidance até o final do ano.

**KOPS** – Acho que está ótimo, Bernardo. Obrigado pelas respostas.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Lucas Lopes, do Credit Suisse.

**LOPES** – Bom dia a todos. Obrigado pela pergunta. Eu tenho duas. Eu queria falar um pouco sobre a [00:38:29] em primeiro lugar. Primeiro eu queria parabenizar pelo disclosure. Legal, vocês sempre se antecipam à demanda do mercado. Mas eu queria saber onde é que vocês alocam essa provisão para garantias prestadas, porque eu entendo que a maioria dos seus pares aloca em provisão complementar que no caso de vocês foi zero nesse trimestre. E depois eu volto com a segunda.

**BERNARDO ROTHE** – Obrigado, Lucas. A gente já faz essa provisão. Até antigamente ela ficava dentro da PCLD, depois a gente teve que alterar e ela fica hoje em outras provisões relacionadas a crédito. Ela não tem abertura nas demonstrações porque não é necessário então não existe uma nota para ela. Por conta disso você não vai achar dentro da demonstração, ela vai estar agrupada em outras provisões. Você não vai conseguir localizar ela dentro das demonstrações. Por isso até que a gente trouxe para a tela e colocamos aqui o saldo que é a quebra de uma das rubricas de outras provisões para crédito, para botar claramente aqui quanto que a gente faz. Você não vai conseguir localizar infelizmente na nossa demonstração que não existe a obrigatoriedade de fazer isso e a gente já estava com a demonstração



fechada também, então eu não ia mexer no contábil se a gente podia botar a informação na tele e prover a informação para o mercado.

**LOPES** – Está claro. E minha segunda é: na resposta ao Thiago, vocês mencionaram que o recebimento da carteira renegociada foi de R\$ 939,0 milhões, acima da média história. Mas por outro lado vocês também divulgam os novos NPLs. O NPL formation da carteira renegociada que foi R\$ 2,4 bi, ou seja, vocês receberam R\$ 1,0 bi mas teve R\$ 2,4 bi virando NPL. Então, por mais que faça sentido comercialmente, será que dá pra dizer que as renegociações dão muito mais errado do que certo ou seria prematuro?

**BERNARDO ROTHE** – Obrigado, Lucas. Eu acho que a informação está muito mais certo do que errado. Porque tradicionalmente mesmo antes do que a gente está vendo agora a gente recuperava um percentual bastante alto do que era negociado, então, acho que a afirmação correta dá muito mais certo do que errado. Se eu não fizer nada a chance de perda é muito maior. Então, se eu podia perder 100 e eu estou perdendo 20, eu renegocio. Faz sentido financeiramente fazer isso. E o 20 é considerando que a inadimplência da renegociada vai toda virar perda, e não é o caso, a perda é menor do que a inadimplência. O índice de recuperação do Banco, considerando tudo em até 360 dias depois de ficar vencido, mesmo num cenário extremamente desafiador que a gente está vivendo hoje, é acima de 90,0%. Caiu pouco em relação ao 2T do ano passado, era 94 e caiu para 93. A gente traz essa informação também para vocês no MD&A, ou seja, a gente tem tido um sucesso em recuperar crédito bastante alto. Isso inclui inclusive os créditos renegociados em atraso está dentro dessa carteira que a gente mostra. Então, eu acho que dá mais certo do que errado.

**LOPES** – Está claro. Obrigado.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Jason Mollin, do Scotia Bank.



**MOLLIN** – Olá, bom dia. Obrigado pela oportunidade de fazer as minhas perguntas. Primeiro, a margem financeira foi ajudada por ações no 1T que aumentou 51,0% em relação ao 2T no ano passado e 60,0% contra o 1T2016. Você pode falar sobre a sustentabilidade deste nível de recuperações e as perspectivas para o nível no resto do ano? E a minha segunda pergunta é a taxa efetiva de imposto foi negativa 0,5%. Por favor, explique esta taxa e comentar as expectativas para o resto do ano também. Obrigado.

**BERNARDO ROTHE** – Obrigado, Jason, pela pergunta. Eu vou responder em português porque essa tele é para o pessoal aqui do Brasil. A margem sem dúvida nenhuma, a recuperação de crédito nesse trimestre veio grande, veio alta, veio acima do que a gente viu no trimestre passado. A gente entende que o 3T tende a ser um volume menor até porque tem efeitos sazonais nesse processo, pra você considerar que julho é férias no Brasil, o volume de recuperação janeiro-fevereiro e julho é normalmente menor do que qualquer outro mês. Então a gente já tem um mês bem mais fraco nesse trimestre. Temos ainda a olimpíada acontecendo no Brasil. Isso não é um grande empecilho para o resto do país mas cria também alguma distração e não vai ser um mês de agosto normal em termos de recuperação de crédito por conta das Olimpíadas que também afetam. Então o 3T é bem menor, 4T tende a ser bem forte também como a gente mostrou no 4T do ano passado. Então, no geral a gente acha que recuperação de crédito continua, é um número que acho até bastante bom dado o cenário econômico que a gente tem, recuperar o crédito em volumes altos durante um cenário de stress é efeito de um trabalho bastante focado nesse processo de gestão de crédito e recuperação de crédito jogado para prejuízo e também inadimplentes e também a manutenção de crédito adimplentes. Então, é um processo que continua, vai ter variações sem dúvida nenhuma. De novo, o 3T deve ser mais fraco que o 2T, a tendência é que seja, dado o que eu falei. O 4T tende a ser o trimestre mais forte em recuperação do ano. Com relação à taxa efetiva de imposto, na



verdade a gente não tem um crédito tributário no trimestre. O efeito aqui que aconteceu é que como a gente considera provisão adicional como não recorrente, a efetivação da provisão adicional e seus efeitos fiscais aconteceram em outros anos, no ano passado, em 2013 quando da sua efetivação. A sua transformação em requerida faz essa provisão virar recorrente, ou seja, contabilmente não existe impacto, ou seja, não tem o benefício fiscal de ter feito a provisão e no reajustado, quando eu tiro do resultado a reversão do adicional, a transformação do adicional em requerida, ele gera um benefício fiscal que não existe na realidade. A forma de fazer isso é você fazer a provisão no efeito que seria fiscal dessa reversão para poder te dar o lucro líquido ajustado correto. Se você ajustar, tirar essa provisão adicional do resultado só pra ver efeito de imposto você já vai ver que não existe crédito, a taxa média já vem bastante mais alta e se você ainda fizer a conta que a gente sempre indica pra todos fazerem, é tirar o resultado da equivalência patrimonial na hora de calcular o imposto do Banco, porque equivalência patrimonial vem já pós imposto, então, é [00:46:11], então cria uma distorção na hora de calcular esse imposto dado que a gente tem uma contribuição da equivalência patrimonial bastante alta para o nosso resultado. Então a nossa taxa, fazendo os diversos ajustes que deveriam ser feitos, ficaria no trimestre em 28,0%, ou seja, não é uma taxa baixa ou menor do que a gente tinha no passado, até na visão consolidada. Na DRE societária, você pode ver que a taxa de imposto do Banco foi 31,0%. Então a gente não está tendo benefício fiscal, crédito tributário, nada disso. É só um efeito da reversão da adicional e cria essa distorção e parece que existe um crédito fiscal, mas não é correto. Até para considerações de vocês, para ver se o resultado do Banco dependeu dessa reversão ou não, olhem qual é o comportamento do resultado do Banco antes do imposto, se ele está alinhado ou não, antes de provisão, se ele está alinhado ou não com essas projeções. Pelo nosso acompanhamento nosso resultado antes de provisão e imposto



veio acima da média das projeções... [áudio com interferência – 50:55] OK? Obrigado.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Alan Nicolau do Bradesco.

**NICOLAU** – Oi, pessoal. Bom dia. Obrigado pela pergunta. Eu queria, talvez uma discussão um pouquinho mais macro e é claro que vocês não estão adiantando nada para 2017 ainda, mas eu queria só ouvir de vocês um pouco do que vocês pensam de crescimento e carteira para o ano que vem, até levando em consideração rentabilidade do Banco, capital, etc. Se puderem explorar só um pouco esse assunto, acho que seria ótimo. Obrigado.

**BERNARDO ROTHE** – Alan, obrigado pela pergunta, mas esse assunto específico não pode te dar nenhuma indicação para 2017 porque a gente ainda não tem guidance. Então qualquer coisa que eu falar aqui vai ser muita especulação. Sem um guidance aprovado do Banco eu não consigo comentar muito, OK?

**NICOLAU** – tudo bem, obrigado.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. André Riva, da GBM.

**RIVA** – Bom dia a todos e obrigado pela oportunidade. Eu queria fazer um follow up sobre o que comentaram o Lucas e o Rossman. Foi feito o disclosure do impacto do caso específico no setor de óleo e gás, comentado que as provisões esperadas daqui pra frente são menores, mas eu gostaria de entender um pouco melhor é a estratégia de vocês para as provisões complementares. A gente lembra que lá no 3T do ano passado houve ganho de R\$ 3,4 bi pela reavaliação da base de crédito do [00:49:19], e do aumento da contribuição social foi usado para constituição de provisões complementares. A gente lembra que lá no 3T2015 houve o ganho de R\$ 3,4 bi pela reavaliação da base de crédito do [00:49:21] devido ao aumento da





contribuição social, e por via Mais Banco, aquilo também foi usado para constituição de provisões de crédito, vocês tiveram reconstituição de R\$ 2,4 bi e também aumentaram em R\$ 1,8 bi as provisões extraordinárias para demandas contingentes. Bom, a gente sabe que a constituição e manutenção das provisões com complementação mais discricionais, não é nem com a visão de médio [00:49:44] teste de stress sobre a carteira. O que eu queria entender é o que está deixando vocês mais confortáveis agora de não ter nesse momento previsão de cumprir a [00:49:53] para crédito saindo um pouco dos patamares históricos, ou seja, ainda que haja um sinal de turning point na inadimplência, a gente entende que segue níveis bastante altos, nos últimos 3 trimestres houve uso de R\$ 3,7 bilhões de provisões complementares. Eu entendo um pouquinho a visão de vocês por trás disso. E a outra pergunta é também sobre o uso de provisões, mas aí as extraordinárias para demandas contingentes. Claro que se dá por motivos diferentes, mas apresenta uma figura parecida. Lá no 3T houve essa constituição do R\$ 1,8 bi e também os últimos 3 trimestres houve um consumo elevado de R\$ 1,2 bilhões, então é claro que tudo está devidamente detalhado aí nas demonstrações, ajustado nas gerenciais, mas se fosse possível dar um pouquinho de cor sobre o que está levando essa redução também nas posições de demandas contingentes eu agradeço.

**BERNARDO** – OK, André, obrigado pela pergunta. Primeiro eu vou começar respondendo de forma geral pra explicar uma coisa: as provisões que o Banco faz elas são às vezes alocadas ao cliente específico. Então, as provisões que são para CPF e CNPJ, toda vez que você faz essa alocação em CPF e CNPJ essa provisão é pelo resultado recorrente porque ele tem destinação própria. A adicional não tem essa vinculação a um caso específico, a um cliente específico ela é feita de uma forma mais geral, uma visão de futuro de potenciais aumentos de demanda de provisão para casos específicos no futuro. A provisão adicional que a gente constituiu no ano



passado e nos anos anteriores tinham destinações bastante claras e específicas a gente chegou a comentar isso no ano passado, pra quê que a gente fez adicional, ela feita com critérios técnicos, com indicação tecnicamente aprovada de quando que seria utilizada a adicional, para quais momentos essa adicional seria utilizada e convertida em requerida. Então, atingido os níveis que a gente considera que seriam necessários para você converter isso em requerida e alocar a um CNPJ, a um CPF, a gente faz a conversão de adicional em requerida. As provisões contingentes funciona da mesma forma e você pode ver que essas adicionais e contingentes elas acontecem, estão mais relacionadas, até a gente teve provisões constituídas para planos econômicos e também são consideradas fora do recorrente. Então, na verdade não houve, uma coisa compensou a outra, a diferença entre as duas, os dois movimentos é bastante pequeno. A gente só converteu a PDC adicional em PDC plano econômico, sem impacto no resultado recorrente e sem impacto final, ou impacto muito pequeno na provisão, no lucro contábil do Banco. Voltando para crédito, é importante destacar aqui, que todos entendam, que adicional, provisão adicional no BB ela não é, não afeta o resultado recorrente, tanto na hora que é constituída como na hora em que ela é revertida. Então, para efeitos de lucro futuro de projeção pra vocês do lucro do Banco do Brasil, exigir ou não adicional é indiferente, porque isso não afeta o nosso lucro recorrente. A gente não deixou de fazer provisões necessárias por ter feito a reversão. A gente não deixou de passar isso no nosso lucro recorrente do semestre. Como vocês podem ver, o lucro fica bem abaixo do contábil exatamente porque a reversão do adicional passando pelo recorrente é que faz essa grande diferença. Então, de novo, adicional não afeta projeção de lucro futuro. Se eu tiver R\$ 10,0 bilhões de provisão adicional hoje, seu lucro recorrente no futuro não vai ter diferença nenhuma de  $T_0$  porque isso não afeta o lucro recorrente do Banco. O Banco tende a fazer provisões requeridas, que é o mais correto, eu faço a requerida e estou fazendo a requerida e é necessário fazer até agravando riscos, antecipando



comunicação de balanços que poderiam vir mais pra frente de uma forma ou de outra, ou seja, estamos fazendo o que é necessário fazer, não importa o tamanho das empresas, do cliente, não importa o impacto que isso possa ter no nosso resultado recorrente. Fizemos isso no 1S e vamos continuar fazendo pra frente mas a nossa perspectiva, de novo, é que o guidance vai ser cumprido e, de novo, o uso de adicional não impacta o guidance e ele não entra no guidance. Estamos tranquilos quanto o que vai acontecer no 2S e não vemos necessidade de fazer adicional agora e também não ia ajudar em nada no nosso lucro recorrente no que a gente vai fazer no futuro.

**JOSÉ MAURÍCIO** – André, só para complementar, um lembrete: ao transformar uma provisão adicional em requerida a gente não mexe no nosso índice de cobertura nem no total de provisões do Banco, simplesmente a gente está fazendo uma alocação diferente.

**RIVA** – Não, perfeito. Agradeço, então. Obrigado.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Felipe Salomão, do Morgan Stanley.

**SALOMÃO** – Senhores, bom dia, obrigado pela pergunta. Também é uma pergunta com relação a provisões e reservas. Eu queria que vocês explicassem como funciona a política do Banco para as provisões para TVMs privados, porque pelo meu entendimento, os R\$ 37,0 bilhões em provisões que vocês têm são na verdade a 2682 aplicada na carteira classificada. Só que além disso, vocês tem mais ou menos R\$ 40,0 bilhões em TVMs privados. Então, eu queria entender como é que funciona a política de provisionamento para esses títulos e também em caso de inadimplência, como é que isso vai passar pela DRE? Se vai ser uma receita negativa no NII ou se vocês constituiriam uma outra provisão, ou se passaria pela PDD tradicional, enfim, se vocês pudessem dar um pouco mais de cor nesses dois detalhes seria ótimo. Obrigado.



**BERNARDO ROTHE** – OK, Felipe, obrigado pela pergunta. Só para clarificar então, não existe a provisão para valores mobiliários. O que se faz são marcações a mercado. Então, você marca a mercado e o impacto da marcação ao mercado vai depender da onde está contabilizado esse título. Se ele for na carteira de trading, impacta o resultado do trimestre; se for na carteira [00:57:03], ele impacta o PL; se for um título mantido até o vencimento, na verdade não existe marcação a mercado e você deveria fazer constantemente para todos os títulos na verdade é um teste de impairment. O teste de impairment é feito todo o mês para todos os títulos que a gente tem na nossa carteira. Se houver indicação de impairment para algum título o impairment é feito e esse impairment passa pelo resultado. Então é isso que acontece, não tem impacto em provisão, não faz a provisão, é só via marcação a mercado e impairment. O resultado disso está dentro do resultado de tesouraria e a gente detalha depois dentro do resultado de tesouraria quais são os itens que o compõem.

**SALOMÃO** – Perfeito. Muito obrigado, Bernardo.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Carlos Gomes do HSBC.

**GOMES** – Bom dia. Duas perguntas. A primeira eu queria uma explicação sobre a redução de ativos ponderados pelo risco, risco de asset, que caiu uns 6,0% ano contra ano, especialmente redução de recebidos, quase a metade. O que basicamente que poderia indicar as razões e o que esperar no futuro? O segundo, na parte de despesas, a despesa geral cai, mas as outras despesas tem um aumento. Gostaríamos de saber o que esperam. Obrigado.

**BERNARDO ROTHE** – Desculpe, é que estava com teste de som. Desculpe pela interrupção. Bem, o RWA do Banco a gente tem feito uma gestão bastante clara de direcionamento dos nossos ativos não só de crédito mas todos os ativos, para segmentos que consomem menos capital. É isso que



explica a redução do RWA. A questão de outras despesas, a gente tem tudo isso bem detalhado no nosso MD&A, na tabela 143, vocês podem ver quais foram os itens que mais afetaram esse crescimento em outras despesas operacionais, tem uma compensação com relação às outras receitas operacionais também, mas o principal item que a gente tem aqui em termos de valores, vamos ver, percentual, descontos concedidos em renegociação, que aumentou realmente, faz parte do processo e do cenário econômico que a gente está, em despesas de operações com cartões que tem efeito de câmbio impactando, se justifica boa parte desse crescimento, a gente está registrando também um bônus de relacionamento comercial, um aumento, ou seja, já com uma, a nova configuração das relações que a gente tem com os diversos órgãos de governo no pagamento das folhas de pagamento deles. Nada de excepcional, tem alguns impactos como eu disse, de câmbio, que afeta as despesas de cartão, a renegociação faz parte do momento e é isso, acho que não tem nada de muito especial aqui não.

**GOMES** – Então deveríamos considerar a mesma trajetória para o futuro? A primeira metade do ano não foi especial, ou poderia continuar no mesmo patamar na segunda metade?

**BERNARDO ROTHE** – Acho que as variações não vão ser muito altas para o futuro, a princípio a gente não vai olhar isso no futuro sobre outras despesas operacionais mas o comportamento é controlado, a gente olha com frequência e faz uma gestão bastante interessante em cima disso, não só as despesas operacionais mas estão relacionados também a qual atividade do Banco e o crescimento de receitas do Banco, etc. Como eu disse, estar dentro do resultado antes de provisão do Banco continua crescendo, ou seja, tem despesas aqui que estão diretamente relacionadas à atividade do Banco e ao crescimento do resultado do Banco como um todo. Então, crescem sempre em linha e a gente faz uma gestão bastante ativa também dentro do que é necessário para manter essas despesas sob controle.



**GOMES** – E da parte de risco de assets, considerando que a última [01:01:38] foi ou ainda tem potencial de queda?

**BERNARDO ROTHE** – Olha, a gente vai continuar com essa política de gestão do RWA reduzir densidade, ou seja, é algo que a gente vai continuar fazendo por um bom tempo.

**GOMES** – Muito obrigado.

**OPERADORA** – Encerramos nesse momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao senhor Bernardo Rothe para as considerações finais. Por favor senhor Bernardo, queira prosseguir.

**BERNARDO** – Só gostaria de agradecer novamente a participação de todos na nossa teleconferência e colocar a equipe de RI do Banco à disposição de vocês para qualquer outra pergunta que achem necessária. Estamos à disposição todos os dias da semana, podem ligar que estamos disponíveis para esclarecer eventuais dúvidas. De novo, muito obrigado por participarem e bom dia.

**OPERADORA** - A teleconferência do BB está encerrada, agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no portal BB na página de Relações com o Investidores. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.